

O PROBLEMA ECOLÓGICO: UMA REFLEXÃO BÍBLICA

Elias Brasil de Souza¹

Resumo

A crise ecológica que afeta o nosso planeta tem sido atribuída por alguns teóricos à tradição judeu-cristã supostamente influenciada pela Bíblia, cujo relato da criação confere aos humanos autoridade para dominar a terra. O presente artigo argumenta que embora seja possível que uma interpretação equivocada do relato bíblico da criação possa endossar uma visão predatória do meio ambiente, a Bíblia, se interpretada em seus próprios termos, apresenta uma visão diametralmente oposta. Nota-se que relato da criação em Gênesis 1 contém importantes elementos que valorizam a preservação do meio-ambiente e a cosmovisão bíblica em geral tem uma dimensão profundamente ecológica, pois o Deus bíblico se revela como divindade criadora e protetora do meio ambiente. Ademais, observa-se que Bíblia aponta para faltas éticas e morais do ser humano como responsáveis pelos problemas ecológicos e sugere uma ética ecológica que permanece relevante para o mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ecologia, meio ambiente, ecoteologia, criação.

Abstract

The ecological crisis affecting our planet has been attributed by some theorists to the Judeo-Christian tradition, supposedly influenced by the Bible, whose account of creation grants human beings the authority to rule the earth. This article argues that although it is possible that a misreading of the biblical account of creation can endorse a predatory vision of the environment, the Bible, if interpreted in its own terms, has a diametrically opposite view. It is noted that the creation account of Genesis 1 contains important elements that value the preservation of the environment. And the biblical worldview in general has a deeply ecological dimension, because the Bible reveals God as creator deity and protector of the environment. Moreover, we observe that the Bible points to moral and ethical shortcomings of human beings as responsible for environmental problems and suggests an ecological ethics that remains relevant to the contemporary world.

Key words: Ecology, Environment, Ecotheology, Creation

Introdução

A crise ecológica que nosso planeta tem presenciado nas últimas décadas vem sendo atribuída a diferentes causas. Uma delas parece estar associada à ganância dos sistemas de produção industrial que percebem a natureza como fonte inesgotável de recursos para serem explorados para benefício da egoísta autogratificação humana. Existem também razões ideológicas, que legitimam e justificam a exploração

destrutiva da natureza. Por outro lado, alguns autores têm atribuído à cosmovisão cristã e à Bíblia a responsabilidade pela atual crise ambiental. Lynn White Jr., em artigo publicado na década de sessenta, acusou a percepção cristã de Gênesis 1 e 2 de estimular a depredação do meio ambiente (WHITE, 1967, p. 1203-1207). Mais recentemente, Reuber Albuquerque Brandão reciclou alguns argumentos de White, sugerindo que o “fundamentalismo cristão e a ‘Palavra de Deus’” tem exer-

¹Diretor e Professor de Teologia Bíblica do SALT-IAENE.

cido um impacto negativo na conservação da natureza (BRANDAO, 2008, p. 8-16). Embora seja possível que uma interpretação equivocada do relato bíblico da criação possa endossar uma visão predatória do meio ambiente, o presente artigo argumenta que a Bíblia, se interpretada corretamente em seus próprios termos, apresenta uma visão diametralmente oposta.

Na primeira seção, argumenta-se que o relato da criação em Gênesis 1 contém importantes elementos que valorizam a preservação do meio ambiente. Em seguida, na segunda seção, nota-se a dimensão ecológica da cosmovisão bíblica com a caracterização do Deus bíblico como divindade atenta ao meio ambiente. Na terceira seção, observa-se que a Bíblia aponta para faltas éticas e morais do ser humano como responsáveis pelos problemas ecológicos. Finalmente, sugere-se uma ética ecológica da perspectiva bíblica para o mundo contemporâneo.

Uma leitura ecológica do relato da criação

A elevada visão que a Bíblia apresenta sobre a natureza torna-se evidente na opção canônica de começar o livro sagrado com o relato da criação do mundo e

a avaliação divina de que o mundo criado por Deus era bom². Do ponto de vista bíblico, o mundo, o homem e a natureza com seu ecossistema propício à preservação da vida, foram criados por Deus e, portanto, recebem uma avaliação muito positiva do criador. No final do relato da criação, Deus declara que o mundo trazido à existência na semana da criação “era muito bom.” Nota-se que cada ser vivo criado por Deus, incluindo-se os humanos, recebe do Criador a prerrogativa de se reproduzir segundo a sua espécie. Assim, o Criador compartilha poder com suas criaturas e revela um modelo que deverá ser implementado pelos humanos no trato com a natureza.

Um aspecto controverso do relato da criação é a ordem divina para que a humanidade domine a criação. Este aspecto do relato tem sido usado pelos críticos da cosmovisão bíblico-cristã para responsabilizar a Bíblia e os cristãos pela atual crise ambiental. Uma leitura cuidadosa do texto, porém, indica exatamente uma visão oposta. Longe de propor uma devastação ou exploração irracional da natureza, o texto bíblico coloca sobre os humanos a responsabilidade de preservar e cuidar da ordem criada. “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme

²Em contraste, algumas correntes filosóficas da antiguidade propalavam uma visão negativa do mundo material. Note-se especialmente o gnosticismo, que considerava a criação material fundamentalmente má. Veja-se: YAMAUCHI, 2000.

a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gênesis 1:26-28).

Nota-se que, dentre a variada gama de seres e elementos trazidos a existência pelo criador, apenas os humanos receberam o privilégio e a responsabilidade de serem criados “à imagem e semelhança de Deus³.” Podemos perceber ainda que do ponto de vista do pensamento hebraico, a conjunção dos termos “imagem e semelhança” indica que os humanos são um reflexo da natureza divina em todos os aspectos de seu ser e existência. Isto significa que a imagem de Deus não se restringe somente a um aspecto ou dimensão da constituição humana, mas deve incluir aspectos físicos, mentais, espirituais com suas implicações para as esferas individuais e sociais.

Um aspecto sumamente importante

de Gênesis 1:26-28 concerne ao propósito da imagem de Deus nos humanos. Embora isto não esteja claro na maioria das versões da Bíblia, o verso 26 deve ser traduzido assim: “Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.” O texto esclarece que Deus criou os humanos para que dominassem sobre a criação. Ao criá-los à sua “imagem e semelhança,” Deus investe os humanos com autoridade para “dominar” sobre as demais criaturas e, assim, exercer a função de representante divino junto à criação. Neste ponto surgem as dificuldades interpretativas do texto, especialmente no uso dos verbos “dominar” (Gn 1:27, 28) e “sujeitar” (Gn 1:28). O contexto indica que o “domínio” e “sujeição” da natureza pelos humanos devem ser exercidos de maneira compatível com a imagem divina. Isto significa que os humanos, criados à imagem de Deus, devem se relacionar com o mundo criado de acordo com o modelo estabelecido pelo próprio Criador ao trazer o mundo à existência (MIDDLETON, 2000, p.47-85).

³A criação dos humanos é descrita com o verbo hebraico *bara'*, um verbo que os autores bíblicos reservam exclusivamente para a ação divina. Este verbo aparece três vezes no relato da criação da humanidade em Gênesis 1:26-28. A tríplice repetição de *bara'* parece enfatizar que não obstante o ser humano ser criado à imagem de Deus, ele é apenas uma criatura. A ênfase na criaturalidade do ser humano estabelece um limite que não pode ser transposto. O ser humano é um ser criado, é uma criatura como as demais criaturas e deve renunciar qualquer pretensão de se auto proclamar Deus.

Como vimos acima, o relato de Gênesis 1 revela um Criador que traz à existência os diferentes elementos da ordem criada e com eles compartilha poder e autoridade para se reproduzirem e exercerem suas funções na natureza. Ao conferir aos humanos a imagem divina para que sujeitassem e dominassem a terra, o Criador intencionava o exercício de um domínio de respeito, proteção e preservação da natureza.

No relato da Criação especial em Gênesis 2:4-28, a interação positiva dos humanos com o meio ambiente se torna ainda mais explícita. Deus formou o homem do pó da terra, e, com o fôlego divino, animou a argila inerte para que o homem se tornasse um ser vivente. Em seguida, de uma costela do homem Deus “construiu” a mulher para unir-se ao homem no contexto do matrimônio. Este relato especial da criação dos humanos manifesta a evidente afinidade entre a humanidade e a terra, pois na terra estão as origens do substrato físico que possibilita a existência da humanidade. Ademais, o sopro vital de Deus que animou a argila inerte refuta qualquer dicotomia entre o material e o espiritual, esposada por algumas correntes filosóficas. O mesmo relato também informa que Deus plantou um jardim no Éden. Cabe ressaltar a caracterização do Criador como

jardineiro, alguém envolvido com o plantio das árvores e da vegetação do jardim. Em outras palavras, um Criador comprometido com o meio ambiente. Sobre os humanos é dito que Deus os pôs no jardim para “o cultivar (‘abad) e o guardar (shamar)” (Gn 2:15). Os termos “cultivar” (‘abad) e “guardar” (shamar) evocam a importância da tarefa a ser executada. Observa-se que ambos os verbos são usados para a atividade sacerdotal de servir e proteger o santuário (DUMBRELL, 2002, p. 21)⁴. Assim, nota-se que a linguagem empregada para expressar as responsabilidades dos humanos pelo Jardim do Éden implica a responsabilidade humana de proteger e preservar a criação.

A dimensão ecológica da cosmovisão bíblica

No mundo contemporâneo, observam-se duas percepções diametralmente opostas da natureza. De um lado, existe a atitude advinda do modernismo que percebe a natureza e seus recursos apenas como objeto a ser explorado para a satisfação da ganância humana. Por outro lado, percebe-se uma crescente reação ao racionalismo modernista de objetificação do mundo natural nos movimentos que propagam uma visão divinizada da

⁴Há várias passagens onde aparece esta correlação de termos. Veja-se Nm 3:7-8; 8:25-26; 18:5-6; 1 Cr. 23:32; Ez 44:14; cf. também Isa. 56:6.

natureza. A natureza deixa de ser fonte de recursos naturais a serem explorados para se tornar uma deusa a ser adorada.

Deve-se notar que a cosmovisão bíblica revela um posicionamento equidistante entre estas duas atitudes extremas. De uma perspectiva bíblica, como visto acima, a natureza foi outorgada ao ser humano para ser preservada. Não para ser explorada e destruída. A declaração de que Deus criou plantas e animais “segundo a sua espécie” (Gn 1:11, 12, 21, 24, 25) implica que há uma integridade no mundo natural que deve ser respeitada pelo ser humano (ALLEN, 2001, p.80). Há, portanto, restrições para a ação humana no mundo natural claramente delineadas por Deus, como percebe-se, por exemplo, na proibição divina contra consumo de sangue como alimento: “Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis” (Gn 9:3).

Cabe observar que os humanos compartilham, com o mundo natural, a dimensão da criaturalidade. No entanto, somente os humanos foram criados à imagem de Deus para usufruir de uma relação com Ele, a qual não é possível ao restante da natureza. Por esta razão, a vida humana não pode ser igualada à vida animal, nem pode ser confundida com o mundo natural, nem tampouco imergida no todo indiferenciado da natureza (ALLEN, 2001, p.81). Ademais, precisa-se, ainda, observar que

a cosmovisão bíblica faz uma distinção fundamental entre Criador e criatura. Isto significa que o mundo natural não é uma extensão da divindade e, portanto, não pode ser deificado. A natureza, destarte, não é fonte de poderes sobrenaturais que podem ser utilizados mediante ritos sagrados como na antiga religião canaanita e nas religiões neopagãs da atualidade. No horizonte bíblico, Deus revela sua presença e intervém no mundo natural sem jamais se deixar identificar com qualquer aspecto ou dimensão do mundo natural. É a distinção entre Criador e criaturas, juntamente com a noção fundamental de uma humanidade criada à imagem de Deus, que revela a dignidade da pessoa humana e, paradoxalmente, provê a base teológica para a preservação da natureza.

Como bem observou Kay (2001, p. 206), assim como a Bíblia

“não diviniza os seres humanos, não pode divinizar a natureza. A natureza pode ser amada por sua beleza, sua utilidade, ou seus caminhos insondáveis, mas a Bíblia retrata isto como incapaz em si mesmo de sustentar a vida. Assim como a humanidade, a natureza depende do Criador para sua existência. Deus pode falar através do trovão, do terremoto, e da sarça ardente, mas a presença dEle dentro deles nunca é identificada com os seus traços antropomórficos. A convicção do Judaísmo de uma natureza

dependente do único Deus-Criador é uma crença na unidade fundamental de natureza em lugar de em sua fragmentação sob poderes diferentes como retratado por algumas formas de panteísmo”.

A partir da singularidade da cosmologia bíblica de um Deus transcendente, porém provedor e sustenedor da criação, podemos identificar alguns princípios teológicos para nortear nossa relação com o meio ambiente.

É importante ressaltar a caracterização do Deus bíblico como divindade comprometida com a natureza. Não obstante, a problemática relação entre humanos e natureza decorrente do pecado humano, Deus reafirmou o compromisso com a preservação da natureza ao incluir os demais “seres vivos” (Gn 9:10) na aliança universal ratificada com Noé. Tal aliança resultou na promessa de preservação da ordem criada, pois “enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (Gn 8:22). Percebe-se que, não obstante o problema do pecado, Deus estendeu sua graça sobre toda a criação e a incluiu em seu concerto universal. Nos evangelhos, Jesus reafirma o valor do ser humano diante do mundo criado, mas relembra que Deus não se esquece dos pardais (Mt 10:31; Lc 12:6). Em outra ocasião, Jesus afirmou que as aves e os lírios do campo recebem o sustento do Criador (Mt 6:26,

28; Lc 12:24, 27).

Ao maltratar animais e agir de forma predatória no meio ambiente o ser humano desrespeita a elevada atribuição que lhe foi concedida por Deus de ser vice-gerente do mundo criado. Ademais, como seres criados à imagem de Deus, somos responsáveis pela preservação do meio ambiente e não podemos nos omitir diante da crise ecológica que ameaça a própria vida na terra. A próxima seção aborda a percepção bíblica da destruição da natureza e a última seção sugere uma ética bíblica para pautar nossa relação com o meio ambiente.

A crise ambiental a partir de uma perspectiva bíblica

O relato de Gênesis 3 informa que a responsabilidade humana de proteger e preservar a natureza com a consequente relação de cooperação e interação que deveria existir entre ambos foi distorcida pelo pecado. E assim uma leitura atenta do texto bíblico sugere que a devastação da natureza não decorre meramente de processos históricos ou materiais, mas tem uma relação estreita com o pecado dos humanos. Nos relatos da queda e do dilúvio, percebe-se que o pecado além de romper a relação dos humanos com Deus e com o próximo, também é devastador para a natureza. Em Gênesis 3 encontra-se a narrativa da rebelião humana contra as instruções divinas que resultou na que-

bra de relacionamento entre a humanidade e o Criador, provocou fraturas nas relações humanas interpessoais e afetou profundamente a relação dos humanos com a natureza.

A sentença divina pronunciada no contexto da rebelião humana indica que, a partir da queda da humanidade no pecado, as relações do homem com a natureza já não seriam de interação e cooperação. “17 E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. 18 Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. 19 No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:17-19).

A narrativa bíblica prossegue relatando que a humanidade se aprofunda mais e mais na violência e opressão. Ao visualizar o ápice da maldade, Deus envia o dilúvio, a fim de deter a propagação do mal. Assim, a primeira grande catástrofe ecológica, o dilúvio, foi ocasionada pela imoralidade humana. Tal afirmação pode-se inferir da declaração divina: “Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem” (Gn 8:21). No mundo pós-diluviano, Deus declara a Noé que “pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do

mar nas vossas mãos serão entregues” (Gn 9:2). Em seguida, a raça humana recebe a permissão para consumir a carne de animais como alimento (Gn 9:3). Assim a alienação entre os humanos e a natureza se aprofunda mais.

A estreita correlação entre pecado humano e degradação do meio ambiente é enfatizada ao longo das Escrituras. A solidariedade entre humanos e natureza, por força da criação divina, faz com que as ações humanas se reflitam na natureza. Do ponto de vista bíblico, crimes contra Deus ou a sociedade são crimes contra a terra, na qual estes crimes são cometidos (KAY, 2001, p.196). Ao confrontar Caim, que havia assassinado seu irmão Abel, Deus declarou: “Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. És agora, pois, maldito por sobre a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão. Quando lavrares o solo, não te dará ele a sua força; serás fugitivo e errante pela terra” (Gn 4:10-12). Ao povo de Israel, a caminho da terra prometida, o Senhor apelou: “Guardai, pois, todos os meus estatutos e todos os meus juízos e cumpri-os, para que vos não vomite a terra para a qual vos levo para habitardes nela.” (Lv 20:22). No livro de Isaías, o profeta adverte: “A terra pranteia e se murcha; o mundo enfraquece e se murcha; enlanguescem os mais altos do povo da terra. Na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores,

porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; por isso, serão queimados os moradores da terra, e poucos homens restarão. Pranteia o vinho, enlanguesce a vide, e gemem todos os que estavam de coração alegre” (Is 24:4-7).

Os textos acima exemplificam a percepção bíblica da solidariedade entre o povo e a terra em virtude da criação e do concerto. Assim, “todas as ações morais ou imorais têm impacto positivo ou negativo sobre a terra na qual são perpetradas, e a terra responde de forma apropriada” (KAY, 2001, p.196).

Tal observação permite uma percepção ética do problema ecológico que ultrapassa as abordagens naturalistas e materialistas ou geofísicas. Do ponto de vista da Bíblia, a terra é devastada devido ao pecado e a corrupção de seus habitantes. A rebelião humana não apenas quebra o relacionamento com o Deus e o próximo, mas rompe a harmonia que deveria existir entre os humanos e a natureza, destruindo

o equilíbrio do mundo natural.

Uma proposta bíblica para uma ética ambiental

Uma ética ecológica deve considerar o descanso sabático instituído na semana da criação. Deus descansou no sétimo dia e, posteriormente, o ratificou como ordenança divina no quarto mandamento (Ex 20:8-11). A injunção divina para o descanso no sétimo dia da semana tem implicações ecológicas ao prescrever que humanos e animais devem descansar. A inclusão dos animais domésticos no descanso do sábado está em harmonia com a valorização bíblica dos animais. No final do livro de Jonas, Deus justifica sua misericórdia para com a perversa cidade de Nínive por compaixão das “mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita” e “também muitos animais” (Jn 4:11). Uma das características do homem justo no livro de Provérbios é ser gentil com os animais: “O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração

⁵Cabe mencionar que mesmo animais selvagens, que vivem além das fronteiras da sociedade humana, também recebem atenção do Criador. Os filhotes dos corvos clamam e Deus os supre com alimento (Jó 38:31). Os profetas anunciam um tempo escatológico de harmonia entre a natureza e os humanos. Oséias anuncia que Deus fará “aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra” (Os 2:18). Isaías fala de um tempo em que as distinções entre animais domésticos e selvagens serão abolidas e os humanos viverão em paz com todos animais: “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco” (Is 11:6-8).

dos perversos é cruel” (Pv 12:10)⁵. Assim, uma ética ambiental articulada segundo parâmetros bíblicos deve necessariamente incluir respeito pelos animais⁶.

O mandamento do sábado também provê o paradigma para o descanso da terra. A legislação mosaica ordenava que a cada seis anos de atividade sobre a terra, a terra devia descansar por um ano. Assim, a cada ciclo de sete anos, o sétimo era o ano sabático para repouso da terra (Lv 25:1-7). O campo não poderia ser semeado nem as vinhas podadas. Os frutos da terra no ano sabático iriam para os camponeses, servos, estrangeiros e para os animais⁷.

Esta legislação “ênfatiza a importância de preservarmos os recursos naturais, aqui representados pela terra (PADILLA 1996, p.15). Como afirmou Pedersen (1959, p. 479): “a tarefa do camponês é lidar gentilmente com a terra, apoiar sua benção e, então, colher o que ela produzir

por si própria. Se o camponês a exaure, ele ataca-lhe a alma e a mata. Depois disso ela vai produzir espinhos, abrolhos e coisas do deserto”. A sensibilidade para com a terra refletida na legislação mosaica ocorre também na declaração de Jó ao pleitear sua inocência: “Se a minha terra clamar contra mim, e se os seus sulcos juntamente chorarem; se comi os seus frutos sem tê-la pago devidamente e causei a morte aos seus donos, por trigo me produza cardos, e por cevada, joio” (Jó 31:38-40).

A ideologia do crescimento econômico ilimitado não deixa nenhum lugar para o descanso de seres humanos ou da criação. A única norma absoluta é o da maximização de produção porque supõe-se que a felicidade humana depende de prosperidade material, na quantidade de posses materiais. Esta é a raiz do problema ecológico na sociedade moderna, na luz do qual temos que perguntar para nós mesmos de que modo hoje a terra pode receber o descanso de que necessita. Rotação

⁶A respeito dos que maltratam os animais, Ellen G. White, escritora adventista, declarou: “A disposição para causar dor, quer seja ao nosso semelhante quer aos seres irracionais, é satânica. Muitos não compreendem que sua crueldade haja de ser conhecida, porque os pobres animais mudos não a podem revelar. Mas, se os olhos desses homens pudessem abrir-se como os de Balaão, veriam um anjo de Deus, em pé, como testemunha, para atestar contra eles no tribunal celestial. Um relatório sobe ao Céu, e aproxima-se o dia em que se pronunciará juízo contra os que maltratam as criaturas de Deus. WHITE, Ellen G. Patriarcas e Profetas, pág. 443.

⁷Porém, como observou René Padilla, “o descanso da terra não é um fim em si mesmo, nem justificável apenas com base em considerações econômicas. De acordo com o texto bíblico, o descanso é para “o Senhor” (ARA), como indicam os versos 2 e 4. A honra que justamente pertence ao Deus da revelação bíblica não é limitada aos serviços religiosos; é a honra que flui do reconhecimento do cuidado dEle para com a criação e é expressa em um estilo de vida caracterizada por verdadeira responsabilidade ecológica, exemplificada ao permitir que a terra descanse” (PADILLA, 1996, p.14).

de cereais, recusa para usar pesticidas químicos, e o desenvolvimento da agricultura orgânica podem ser passos iniciais na prática contemporânea da responsabilidade ecológica indicada pelo descanso sabático da terra” (PADILLA, 1996, p.15).

Não podemos nos olvidar de que a terra tem uma natureza que exige respeito, de que necessitamos de conhecimento científico e técnico para lidar com a terra sem destruí-la. Mas notemos que as informações e explicações científicas sobre os problemas ambientais não são suficientes. A ciência pode explicar processos e fenômenos da criação. A ciência pode medir e fornecer estimativas sobre os suprimentos de água, alimentos, prever a relação entre a densidade populacional e a capacidade de produção da terra. Ademais, pode medir distâncias entre estrelas e galáxias e ainda estudar o comportamento de partículas subatômicas. Porém, a Bíblia revela como valorizar a natureza, pois aponta que recebemos a terra do Criador com todas as suas potencialidades para produzir nosso sustento ao lidarmos com ela de forma responsável. Assim, do ponto de vista bíblico, não devemos poluir a terra ou exaurir-lhe a vitalidade, mas cultivá-la como mordomos que administram fielmente a propriedade do seu Senhor.

Conclusão

Na criação, Deus estabeleceu o

mundo criado para funcionar como vasta rede de interação e cooperação em um ambiente propício ao desenvolvimento saudável das variadas criaturas trazidas à existência. Aos humanos, o Criador conferiu a imagem de Deus para preservar e cuidar da criação em harmonia com o modelo divino exemplificado na própria criação. A rebelião humana rompeu a relação harmoniosa que deveria existir entre humanos e natureza, ocasionando profundas alterações e devastações na ordem criada. Não obstante, a cosmovisão bíblica reconhece o elevado valor da natureza a partir da convicção de que o criador é uma divindade comprometida com o meio ambiente. Do ponto de vista bíblico, a crise ecológica não tem raízes primárias em causas materiais, econômicas ou climáticas, mas na transgressão humana dos mandamentos de Deus. Vimos que o pecado polui a terra na qual é praticado. Assim, uma ética ecológica não pode se limitar a medidas externas de combate às causas físicas da crise ambiental, mas deve incluir uma transformação do coração humano.

Nos últimos séculos, a humanidade presenciou extraordinário progresso na ciência, o que tem contribuído para a compreensão dos fatos da natureza. A ciência, por sua vez, tem produzido muitos benefícios para a humanidade. Porém tem produzido também instrumentos que degradam o meio ambiente a ponto de colocar em risco a própria presença da vida na terra. Assim,

a ciência pode ser divina ou demoníaca, pode produzir prazer ou infligir dor. A ciência lida com fatos, busca explicar processos e entender fenômenos. A ciência não emite juízos de valor. Não pode nos dizer o que é certo e o que é errado, nem ultrapassar as fronteiras do mundo físico e racional.

Para responder as questões de valor e nos informar sobre o que é certo ou errado, necessitamos da revelação divina. E a Bíblia reivindica ser a revelação que descortina diante dos seres humanos a verdade sobre as razões de nossa existência e os valores que devem nortear nossa vida. Em consonância a isso, a Bíblia propõe a observância dos mandamentos, em lugar de atitudes específicas para com natureza ou técnicas de proteção dos recursos naturais, como a condição prévia para um meio ambiente saudável (KAY, 2001, p.102). Ademais, ao situar os humanos em uma relação especial com o Deus Criador, a Bíblia os torna responsáveis pelo meio ambiente e os motiva a cuidar da natureza. Assim, o conceito bíblico da criação divina do planeta confere elevada posição ao mundo natural e estimula os humanos a assumirem atitudes e ações comprometidas com a preservação do meio ambiente.

Referências

- ALLEN, E. L. “**The Hebrew View of Nature**” in Jaffe, Martin D., ed. *Judaism and Environmental Ethics: A Reader*. Lanham, MD: Lexington Books, 2001, 80-86.
- BÍBLIA**. Almeida Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica no Brasil, 1993.
- BRANDÃO, Reuber Albuquerque. “**O Impacto da Palavra de Deus – Fundamentalismo Cristão e a Conservação da Natureza**.” *Natureza & Conservação: Revista Brasileira de Conservação da Natureza*, Outubro 2008, 8-16.
- DUMBRELL, W. J. (2002). **The faith of Israel** : A theological survey of the Old Testament (2nd ed.). Grand Rapids: Baker Academic
- KAY, Jeanne. “**Concepts of Nature in the Hebrew Bible**” in Jaffe, Martin D., ed. *Judaism and Environmental Ethics: A Reader*. Lanham, MD: Lexington Books, 2001, 86-104.
- MIDDLETON, J. Richard. “**Creation Founded in Love: Breaking Rhetorical Expectations in Genesis 1:1-2:3**.” In *Sacred Text, Secular Times: The Hebrew Bible in the Modern World*, edited by Leonard Jay Greenspoon and Bryan F. LeBeau, 47-85. Omaha, NE: Creighton University Press, 2000.
- PADILLA, C. René. . “**The Relevance of the Jubilee in Today’s World (Leviticus 25)**.” *Mission Studies* 13, no. 1-2 (1996):

12-31.

PEDERSEN. **Johs. Israel: Its Life and Culture.** (2 vols.) London: Oxford University Press, 1959.

REID-BOWEN, Paul. **Goddess as Nature: Towards a Philosophical Theology.** Burlington, VT: Ashgate, 2007.

ROLSTON, Holmes, III. **“The Bible and Ecology.”** *Interpretation* 50, no. 1 (1996): 16-26.

WHITE, Lynn. **“The Historical Roots of our Ecological Crisis.”** *Science* 155 (1967): 1203-7.

YAMAUCHI, E. **Gnosticism.** In: PORTER, S. E.; EVANS, C. A. (Eds.). *Dictionary of New Testament Background : A Compendium of Contemporary Biblical Scholarship.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000. Logos electronic edition.